

Fato e Fotos

BRASÍLIA, 18 DE NOVEMBRO DE 1967 — ANO VII

N.º 355 — NCR\$ 1,00



DRAMA NO PARANÁ

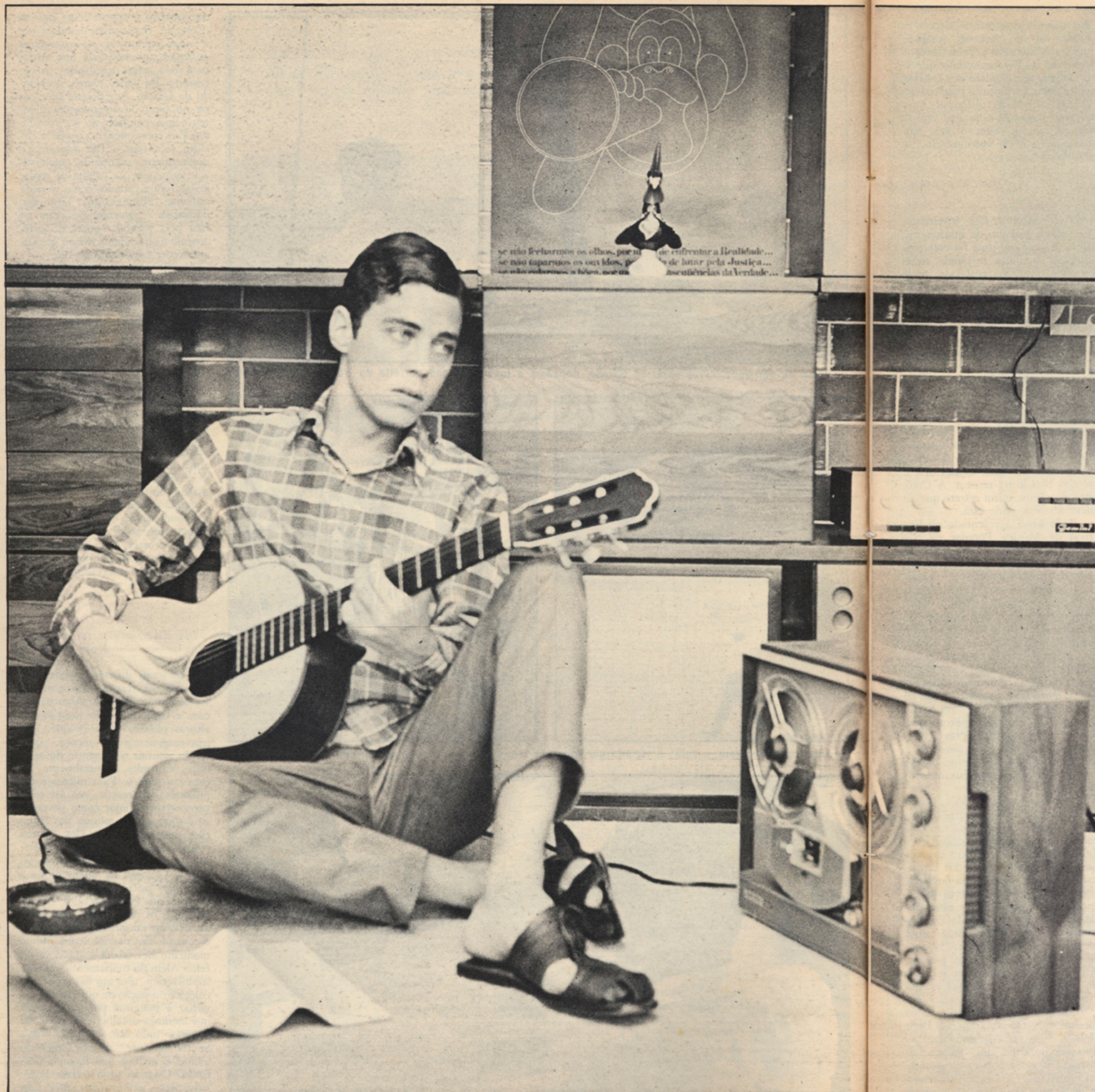
**É POSSÍVEL
VIAJAR EM
SEGURANÇA?**

CHICO BUARQUE

**QUAL É O
SEGRÊDO DOS
FESTIVAIS**

REVOLUÇÃO RUSSA

**COMO LÊNINE
CONQUISTOU
O PODER**



"O importante é que os festivais representem um ponto de partida para novos movimentos musicais em que novos estilos se imponham e

O autor de Carolina diz a F&F o que pensa dos certames de música e como compõe suas canções

CHICO BUARQUE

O BEM E O MAL DOS FESTIVAIS



"O samba já provou que é exportável, não por ser internacional, mas sim tão brasileiro."

Fotos de GIL PINHEIRO e ESKO MURTO

A sucessão de festivais de música popular, que nos últimos dois anos tornaram-se o centro de atenção de compositores, cantores e arranjadores brasileiros, tem como principal consequência o estabelecimento de uma idéia de possíveis fórmulas mágicas para êxitos rápidos e fulminantes. Atraídos pela compensação financeira e pelo aplauso fácil de um auditório delirante, o compositor que pretende inovar corre o risco de não ver compreendido o seu objetivo ao defrontar-se com outras composições feitas especialmente para ganhar o primeiro prêmio. Quando o poeta disse que "era preciso cantar", com certeza

novos intérpretes possam surgir."

não imaginou que tomassem a coisa assim ao pé da letra.

Para que não caiamos no caminho fácil da comercialização das músicas em que todo mundo se dedica a uma espécie de cozinha musical, recortando trechos de músicas já existentes e depois colando-os um atrás do outro para dar uma música de agrado popular, é preciso que se faça uma diferença entre a música intelectualizada, que o povo não entende e que portanto não acrescenta nada à cultura popular, e aquela que todos já sabem por antecipação, logo depois de ouvirem os primeiros acordes. • segue

Para o compositor seria muito mais cômodo respeitar as normas vigentes e a ordem estabelecida, não se sabe bem por quem, para o gosto do povo. Se todos caírem nesta fórmula, em breve os festivais não representarão mais um ponto de partida para novos movimentos musicais em que novos estilos consigam se impor e novos compositores e intérpretes possam surgir. Eles se reduzirão a um mero balanço estatístico do que se fez durante um ano inteiro.

Este ano, felizmente, pudemos notar que a grande maioria dos compositores aproveitou a imensa repercussão destes espetáculos para testar o valor de suas experiências, especialmente no campo dos arranjos. A moda da viola lançada com êxito no ano passado encontrou seguidores que souberam explorar ainda mais os seus recursos. Mas este ano a novidade é mais ousada: tem guitarra no samba. Foram inúmeros os compositores que, aproveitando as influências e contribuições do iê-iê inglês, procuraram introduzi-lo na música brasileira. Se a tendência pegar, poetas, seresteiros, namorados, correi, pois acaba de ser dado o tiro de misericórdia na idosa serenata. A não ser que as donzelas instalem tomadas elétricas junto a seus portões.

A ameaça dos sons elétricos

Muitos já se precipitaram em atacar a intromissão do som eletrônico na nossa música. Pessoalmente eu não simpatizo muito com a estridência das guitarras, mas procuro isentar-me de preconceitos. É inegável que o violão elétrico acrescenta à música uma série de sons novos e toda uma harmonia diferente nas composições. O que me parece perigoso é a idéia de som universal ou pop para justificar este movimento. O samba já cansou de provar que é exportável, não como música internacional, mas justamente por ser tão brasileira. Eu também apreciei o último disco dos Beatles, mas prefiro ainda Mário de Andrade, quando ele diz que toda a música de um país que procura se universalizar ou se internacionalizar acaba caindo numa nacionalidade que não é sua.

Músicas que não apresentem uma inovação nem criatividade da parte do autor podem ter um sucesso fácil, mas rapidamente se esgotam e caem no esquecimento. O nosso público já sabe julgar uma música e tanto é prova disto que quando surge uma composição com gosto de piada velha, ele se manifesta.

As vaias que vêm de longe

No que tange às vaias, instituição que teve uma presença atuante nos festivais deste ano, eu vou dar um exemplo estrangeiro para mostrar que ela não foi inventada por nós, nem representa, como muitos já disseram, "uma manifestação de

Chico Buarque

"Sou um compositor sem mistérios nem golpes publicitários. Minha inspiração é sempre muito simples"

despreparo do público brasileiro." Em Nancy, há mais de um ano, o pessoal do TUCA que representava o Brasil no Festival Mundial de Teatro Universitário levantou o primeiro prêmio depois de muita tremedeira. E que assistindo a espetáculos anteriores de outros países constatou-se que o público francês viajava. Mas viajava para valer, chegando a requintes nunca antes imaginados pelos brasileiros. Ao fim de uma exibição medíocre, assim que descia o pano, o público aplaudia freneticamente. Diante disso as cortinas se abriam e a platéia viajava então estrepitosamente com os atores em cena. Baixava o pano, o público aplaudia exigindo nova abertura do pano. Se isto acontecesse, tome viaja. A brincadeira continuava até que o pessoal do palco se mancava percebendo que não estava agradando. A platéia

queria era gozar os atores. No Brasil, parece que a moda está pegando. "Sinal de que o povo participa", dizem alguns. De fato participou tanto que a viaja foi vedete de festival, não deixando que muita gente cantasse. E deu naquilo que toda a gente viu. Não sou contra a viaja, mas acho que o público deveria ter um pouco mais de consideração com os cantores deixando que eles interpretassem o seu número para então depois apurar. O público tem o direito de não gostar, assim como o cantor tem o direito de cantar.

Em resumo, eu acho que os festivais são fatos positivos na evolução da música brasileira. Mas eles têm de durar o ano inteiro, consagrando, muito mais do que uma música, toda uma experiência, estimulando os inovadores. Porque senão acontece como no ano passa-



"Os festivais devem durar o ano todo, estimulando os inovadores."



"Carolina, interpretada por Cinara e Cibele, nasceu do cotidiano."

do, quando dois meses depois de terminados os festivais ninguém mais se interessava pelas músicas vencedoras. Foi um vácuo que se prolongou até o início dos festivais deste ano. O próprio público está exigindo músicas diferentes que representem um salto em relação ao que já foi feito. A viaja vem para músicas de consumo fácil e rápido.

Como eu faço minhas músicas

Todo mundo fica inventando histórias a respeito de minhas músicas. Dizem que uma foi composta num avião, outra inspirada numa mulher, etc. Na realidade, nada disto existe. Eu sou um compositor sem mistérios nem golpes publicitários. As minhas fontes de inspiração são as mais simples possíveis e todas elas retiradas do cotidiano. Carolina foi composta em Araxá, nas vésperas do encerramento das inscrições para o Festival Internacional da Canção. Era uma música que já estava alinhavada há algum tempo, faltando apenas os retoques finais. Eu estava apresentando um show quando, lá pelas tantas, me veio à cabeça um nome: Carolina. Gostei dele e resolvi botá-lo na música. A Carolina do samba é um retrato que eu nem sei bem onde está.

Roda Viva, apresentada no Festival de Música Popular de São Paulo, é a música do roteiro da peça teatral que estou escrevendo. Eu não tinha intenções de colocá-la no concurso, mas por insistência de amigos acabei cedendo. Tive sorte e lá vieram sete milhões da TV Record e mais três do governo paulista correspondentes ao terceiro lugar. A peça estava quase pronta, mas eu resolvi entregar os originais a um entendido que fez várias emendas e aconselhou que eu reescrevesse alguns trechos. A coisa ainda está neste pé porque acabou o meu gás para escrever. Tenho pouca paciência para ficar debruçado sobre um mesmo escrito ou uma mesma letra durante vários dias.

Quanto a Quem Te Viu, Quem Te Vê, ao contrário do que muitos pensam, foi composta aqui em casa mesmo. Igualmente aconteceu com Januária, uma música que compus baseado num quadro de Di Cavalcanti. Esta e outras composições, como Preto e Branco, feita juntamente com Tom Jobim, e uma ainda sem nome, em que falo do Fluminense, meu time, sairão num elepê que pretendo gravar lá pelo fim do ano, para sair em janeiro. Até dezembro eu vou ficar na base do show, porque no Natal e Ano Novo disco não vende.

Andaram falando que eu cedi os direitos de Carolina para Dom Hélder. Essa até eu estou querendo saber de onde saiu. Nunca me falaram no assunto nem eu autorizei ninguém a tratá-lo. Eu só tenho medo é que Dom Hélder apareça um dia aqui em casa para reclamar o dinheiro. Nós dois vamos ficar muito sem graça.



"O próprio público exige músicas diferentes, que representem um salto em relação ao que já foi feito. A comercialização é o problema."